

# CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : DESP

CLASS. : 15

DATA : 5 5 89

PG. : capa  
ult. pagina

TEMPO EM SÃO PAULO

Nublado com chuvas.  
Temperatura em declínio. Página 16

# O ESTADO DE S. P.

JULIO MESQUITA (1891-1927)

JULIO DE MESQUITA FILHO (1927-1969)

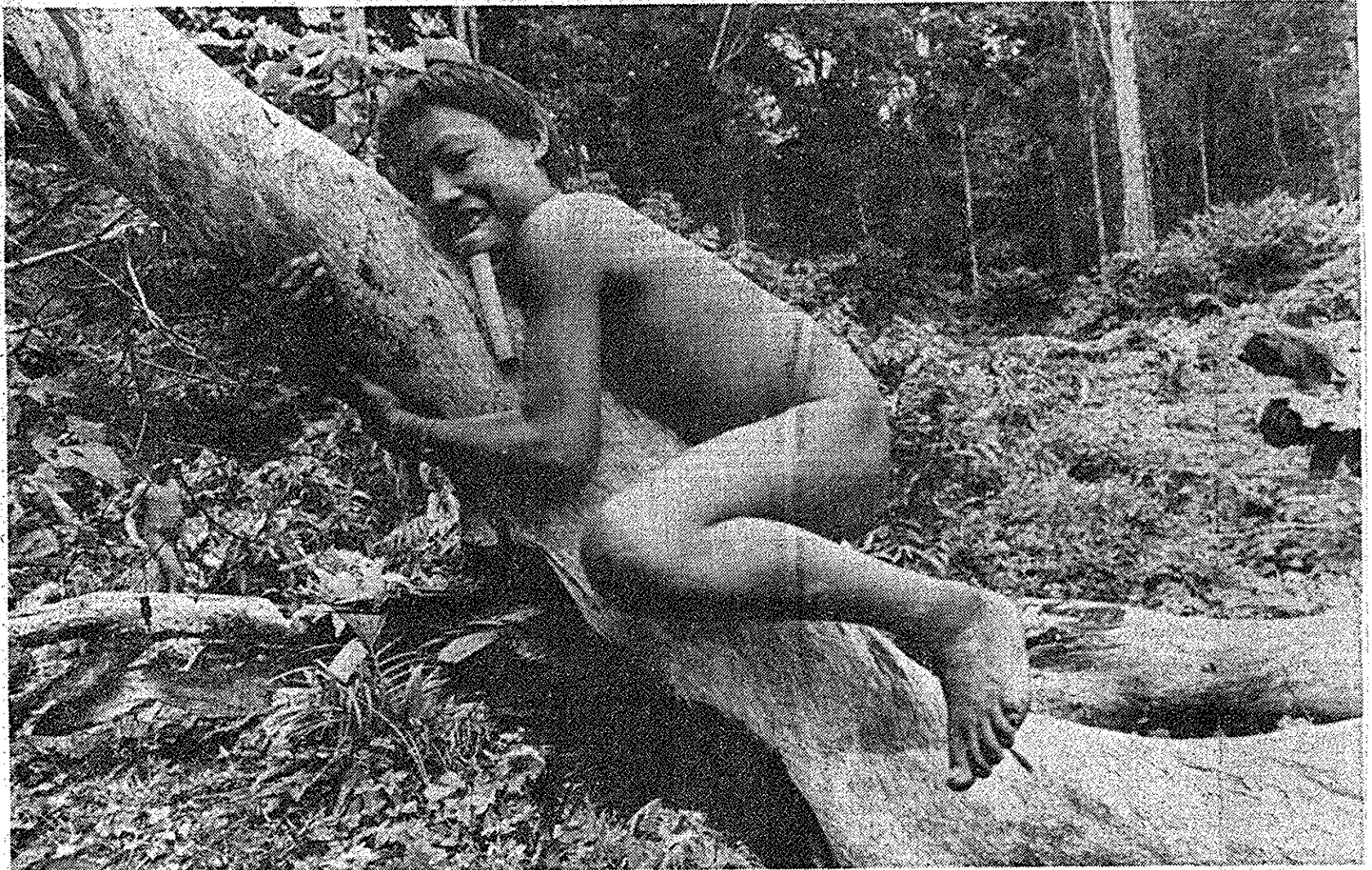
FRAI

Capital e Interior de S. Paulo — NCz\$ 0,50

ANO 110

SEXTA-FEIRA, 5 DE MAIO DE 1989

Nº 35.032



**Os últimos burés  
localizados no Pará**

Os 130 índios burés, um dos últimos grupos isolados no Brasil, receberam com naturalidade

de os funcionários da Funai. Nas margens do rio Uminapama, no Pará, os burés foram

os lábios para se enfeitar com adornos de madeira e usam machados de pedras. Última Página

F SEXTA-FEIRA  
D



Índio buré, um dos 130 tupi-guaranis que vivem isolados no norte do Pará: pela primeira vez, socorro médico da Funai

André Dusek/AE

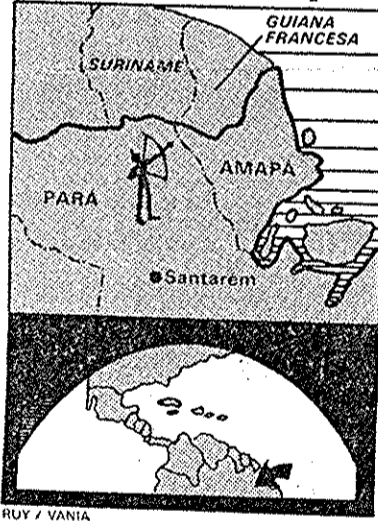
# Funai contata índios isolados no Pará

ELIANA LUCENA

A tribo buré, um pequeno grupo de 130 tupi-guaranis que vive isolado à beira do rio Uminapanema, no norte do Pará, foi surpreendida há 9 dias por uma equipe da Funai. Médicos, enfermeiros e sertanistas desceram na roça de mandioca da aldeia a bordo de um helicóptero da Petrobrás com vacinas, medicamentos e alimentos. É a primeira vez que os índios recebem assistência da Funai. O médico Marcos Antônio Guimarães, depois de examinar

tência da tribo dos burés desde 1982, quando foram descobertos por missionários das Novas Tribos do Brasil. No ano passado, esses missionários enviaram um relatório à Funai pedindo assistência médica. Alegando falta de recursos, a fundação não encaminhou nenhuma equipe à aldeia. Somente há dois meses, o sertanista Sidney Possuelo visitou os burés e requisitou uma equipe de emergência.

"Que isto sirva de exemplo e sensibilize as autoridades para a carência de recursos da Funai", justificou-se o superintendente em Belém Dinarte Nobre de Medeiros. A Funai pretende, agora, montar um posto de assistência aos burés, apenas com rádio e medicamentos, a 20 ou 30 quilômetros da aldeia.



A Funai, na verdade, sabia da existência

## Missionários defendem ação e se queixam

Os missionários norte-americanos e brasileiros instalados na base Esperança entre 30 e 40 quilômetros das 3 aldeias dos burés, acham que estão sofrendo uma injustiça com as críticas ao seu trabalho na região, conhecida como Cuminapanema.

"Queremos preparar esse povo para receber a civilização em nome da palavra de Deus e isso não é agredir a cultura indígena", reage o missionário Paul Nagell. Há 12 anos, ainda nos Estados Unidos, ele resolveu mudar de vida, largou as drogas em Maryland e veio para o Brasil para trabalhar com os índios.

Nagell é um dos 15 representantes da missão Novas Tribos do Brasil, ligada à New Tribes, norte-americana, envolvidos com o grupo isolado tupi, que não tem autorização da Funai para permanecer no local. "O trabalho está apenas começando, ainda não falamos de religião com os índios", explica ele.

Os missionários não foram convidados a participar da operação de saúde e acompanham tensos a atitude da Funai. "Será muito pesado, para nós, termos de sair daqui", lamenta Joanne. Segundo ela, a missão não quer "torcer o braço" dos índios, impondo uma religião. Para Joanne, o resultado da pregação vem aos poucos, mudando alguns hábitos que os missionários consideram errados, como o índio ter mais de uma mulher.



Missionário Nagell: primeiro contato em 1982



"Curumim" (criança): excitação com os brancos

## Burés recebem brancos sem resistência

O helicóptero aparece na clareira, dá voltas, pesquisa a área e finalmente desce devagar na roça de mandioca, espalhando poeira e folhas. Os índios, curiosos, começam a se aproximar. Fazem sinais e tentam comunicar-se num dialeto difícil de ser entendido até pelo experiente sertanista João Carvalho, que conhece a língua de outros grupos tupis. Mesmo assim, algumas palavras podem ser entendidas, como curumim (criança), cunhá (mulher), tipoi (tipóia) e papá (fogo).

Mulheres e crianças apalparam os recém-chegados. Os homens rodeiam o helicóptero. Um jovem mais afoito não resistiu: nu, sem arma de guerra, ele entra na cabina e fica esperando. Quer voar. A cena se repetiu nos últimos dias desde o início da operação de saúde no Cuminapanema. Nas três aldeias, distantes entre si algumas horas de caminhada, os índios receberam os brancos sem demonstrar receio. Na noite do

dia 1º houve uma festa na aldeia maior. Marcando o ritmo da música com as bordunas, os homens dançaram até de madrugada e tomaram uma bebida fermentada feita de cajá-manga.

de uma incisão de alguns centímetros. O botoque não é retirado pelos indígenas nem na hora de dormir.

A partir dos sete anos de idade, os índios passam a usar um botoque ainda não encontrado em tribos já contatadas. Um pedaço de pau com 2,5 centímetros de diâmetro e 20 centímetros de comprimento é introduzido no lábio inferior através

Na aldeia maior a caça já está difícil e os índios precisam caminhar muitos quilômetros para encontrar algum animal. A carne levada pela equipe médica precisa ser constantemente vigiada, pois os indígenas sempre tentam pegar um pedaço para a família, quando não há ninguém tomando conta dos mantimentos.

## Médicos lutam para salvar tribo

Uma operação emergencial de saúde está sendo realizada pela Funai numa área de difícil acesso localizada a 270 quilômetros ao norte de Santarém (Pará), próximo ao Suriname, para evitar que um dos últimos grupos indígenas ainda isolados, a tribo buré, tupi-guarani, acabe desaparecendo. Contatados há seis anos pela missão Novas Tribos do Brasil, sem autorização da Funai, esses índios usam preso no lábio inferior um botoque cumprido talhado em madeira clara, o toru. Eles têm assistido, entre espantados e eufóricos, ao trabalho dos helicópteros que pousam nas três aldeias, desembarcando médicos, enfermeiras, sertanistas, jornalistas e medicamentos.

Curiosos e gentis com os brancos que invadiram as aldeias nos últimos dias, os índios, em torno de 130, têm uma vida totalmente primitiva e desconhecem os desentendimentos entre o sertanista Sidney Possuelo, responsável pela coordenação de Índios Isolados da Funai, e os missionários. "O contato com estes indígenas era totalmente dispensável", critica o sertanista, que agora quer tirar os missionários da região e instalar um posto da Funai para dar assistência ao grupo. A aproximação feita pelos missionários, segundo Possuelo, só se justificaria com a construção da rodovia Perimetral Norte. Mas a obra está parada e os índios não sofrem ameaças nesse sentido.

Possuelo se irrita com a ação dos missionários que pretendem "levar a palavra de Deus aos índios", como afirma o norte-americano Paul Nagell. Ele é um dos 15 missionários

que mantêm contato com esse grupo que vive na região do rio Cuminapanema. "O índio tem um universo religioso que precisa ser respeitado", diz o sertanista. Para ele, é uma agressão impingir aos índios um deus representando valores religiosos que não fazem parte de sua cultura.

### CRÍTICAS À FUNAI

O médico Marcos Antônio Guimarães, 15 anos de trabalho na Funai, encontrou os indígenas, com algumas exceções, em bom estado de saúde, mas considerou o fato "um verdadeiro milagre". Segundo ele, os índios nunca receberam a vacina triplice, a BCG ou a anti-sarampo. "Eles poderiam ter sido dizima-

dos, caso ocorresse algum surto", diz o médico. Guimarães explica que índios isolados como esses não possuem anticorpos para combater doenças comuns e, dessa forma, uma simples gripe pode assumir proporções dramáticas quando se alastra.

O médico critica não apenas a missão, mas também a Funai, que, mesmo sabendo do contato, nunca realizou uma operação de saúde na área. "Num órgão que nos últimos três anos conseguiu ter sete presidentes, fica muito difícil levar adiante qualquer projeto", lamenta ele.

"A Funai é uma instituição carente de recursos políticos,

sociais e financeiros", justifica Dinarte Nobre de Medeiros, 44 anos, superintendente da fundação em Belém. Foi ele quem enviou a equipe à aldeia dos burés. "Espero que este caso sirva de exemplo e sensibilize as autoridades", dispara Medeiros.

Os missionários contam que nos contatos esporádicos com as três aldeias, distantes dois dias de viagem a pé da base da missão, sempre procuraram atender os índios, mas as vacinas nunca foram aplicadas, por falta de condições de transporte: precisam ser conservadas no gelo. "Conseguimos realizar esta operação porque a Petrobrás nos emprestou um helicóptero", explica Dinarte Medeiros.

Os índios já contrairam a malária, não se sabe se na própria missão, onde aparecem em grupos, ou em contatos com castanheiros e garimpeiros que já são vistos perto da área de dois milhões de hectares que a Funai interditou em 1987.

Mas nessa primeira operação o que mais chocou a equipe médica foram seis índios mordidos por cobra. Dois deles tinham feridas profundas e necrosadas.

Deitado em sua rede, Toinpu — um índio que aparenta ter 40 anos — já nem andava. Ele agora está sendo tratado com antibióticos, depois de uma cirurgia feita na própria maloca. Recebe doses maciças de vitamina e já consegue sentar-se no chão. Até o final da semana a equipe da Funai ficará na área, mas depois nada está garantido. "Se não houver novas etapas de atendimento, com reforço das vacinas, todo esse trabalho terá sido nulo", alerta Guimarães.



Vera vacina um buré: proteção contra malária

André Dusek/AE